

10-2017

O homem que não quis ser herói

Pedro Valinho Gomes

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Valinho Gomes, P. (2017). O homem que não quis ser herói. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/54>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

estar continuava a mesma: Dar testemunho em nome de Cristo. Lembro-me de tantas histórias que não caberiam neste texto. O estar junto dos pobres, o dar testemunho de Cristo nas situações limite levou-nos aos albergues noturnos da cidade e aos lares de idosos onde fazíamos serviço, ou a celebrar o São João com frangos porque ‘o preço da sardinha é uma afronta para aqueles que servimos’.

Conheci um santo. Sim, um santo daqueles que vemos nos altares ou nas histórias que nos contam. Despedi-me dele naquela manhã de Domingo com a esperança de que Deus, através do Venerável Libermann, pudesse fazer aquilo que parecia impossível.

Hoje percebo que naquele quarto já não estava o padre Zélito mas sim alguém que aceitou viver “a vida com Cristo” que torna o “nosso testemunho verdadeiro”.

Quando me despedi dele, voltou a dizer-me: «Estaremos juntos um dia!»

O HOMEM QUE NÃO QUIS SER HERÓI

PEDRO VALINHO GOMES

Recordo o nosso primeiro encontro. O jovem missionário passava pelo seminário da Régua a caminho da sua missão, na África do Sul. Sentados em círculo, escutava o entusiasmado com que partia para o meio de um povo longínquo e o compromisso que assumia de ser voz dos sem voz e presença que fala do Deus presente. Admirei-lhe a coragem. Imaginei-o de porta em porta, entre os mais pobres dos *hostels* sul-africanos, a falar de esperança com o sorriso de quem a leva consigo e a deixa transpirar por todos os poros. Para o meu olhar de criança, o jovem missionário tinha algo de heróico. Ali estava quem se dispunha a ser a força dos frágeis. Bebi do seu entusiasmo pela missão, que me alimentou a jornada e a vocação.

Mais tarde, compreendi que o jovem missionário não era herói. Mesmo se falava em nome dos sem voz, como nunca deixou de fazer, a sua missão foi acima de tudo ser sinal profético da presença de Deus, seja nos *hostels* daquele povo longínquo, seja na formação e no acompanhamento de novos missionários, para quem não deixava de ser interpelação à exigência do discipulado de Cristo como contracultura. O jovem missionário não era herói. Era presença de uma Presença, todo um projeto de vida para não ser mais do que sinal daquilo ou d’Aquele que verdadeiramente conta. Para o meu olhar

de jovem, aquele missionário tinha algo de desafio. Quando lhe pedi que me deixasse também partir em missão, para o meio de um povo longínquo, sorriu como quem sabe que a minha história também ganhava os tons contagiantes da missão do Cristo. Disse-me que fosse e vivesse presente para aquele povo. Não me disse que fosse herói. Talvez me tenha dito que fosse santo, isto é, que procurasse a autenticidade de vida e o compromisso com o dom recebido. Talvez por isso, anos mais tarde, na minha dúvida, o missionário acolheu-me com o respeito de quem sabe que os caminhos da autenticidade são multiformes e com a amizade de quem cuida. Afinal, ser sinal dessa Presença é um projeto ousado e multicolor.

Na fragilidade da sua doença, não deixou de ser sujeito ativo da missão que lhe foi confiada. Ele, que não fora chamado a ser herói, viveu como frágil sinal do Deus-fragilizado, do Deus que se faz frágil presença entre os mais frágeis dos frágeis. Até ao extremo, foi missionário a apontar para o Deus-presente. Aprendemos de Christian Bobin que «se se quer conhecer um homem, é preciso buscar aquele para quem a sua vida está secretamente voltada»³ (Christian Bobin, *Francisco e o Pequenino*, Editorial A.O., Braga 2013, p. 91). Quando a vida de alguém transpira por todos os poros «aquele para quem a sua vida está secretamente voltada», torna-se um livro aberto e, como que em filigrana, intuímos o centro nevrálgico em torno do qual gira todo o seu sentir, o seu pensar, o seu agir.

O jovem missionário José Manuel Sabença nunca quis a heroicidade. Alimentou-se de uma outra lógica, de quem se dispõe à imitação de Cristo, à santidade.

UM AMIGO DE CASA...

MANUELA E BRUNO LAGOS

Shalom

Decorria o verão de 1982. Na última semana de agosto, na quinta da Cardiga, Entroncamento, um grupo de trinta jovens de várias zonas do país encontraram-se para refletir sobre vários temas da Igreja. Era o grande encontro, GE, do Movimento Encontro de Jovens Shalom, uma atividade anual que congregava jovens que faziam a sua caminhada num secretariado paroquial.

3 Christian Bobin, *Francisco e o Pequenino*, Editorial A.O., Braga 2013, p. 91